

# A IMPORTÂNCIA DA MEMÓRIA NA CONSCIÊNCIA DA IDENTIDADE RELIGIOSA\*\*

Edvaldo Celestino de Melo<sup>1</sup>

## Resumo

Os estudos sobre a memória dentro do contexto religioso mostram-se bastante pertinentes nos dias atuais. A sensibilidade particular pela questão da memória nas coletividades religiosas, tendo em vista não somente a recordação de sua história passada, mas também de sua importância no presente, tem feito surgir uma consciência da identidade religiosa tanto para o indivíduo quanto para o grupo. Apesar do constante debate em torno da identidade, ora afirmada ora negada por causa das constantes mudanças sociais e culturais, o sujeito religioso ainda encontra na memória o sentido da pertença. Diante disso, o objetivo desse artigo é mostrar que a memória é importante para que o indivíduo e o grupo tenham consciência da identidade religiosa que possuem.

**Palavras-chave:** Memória. Consciência. Identidade.

## Abstract

Studies on memory within the religious context are very relevant today. The particular sensitivity of the issue of memory in religious collectivities, having in mind not only the memory of its past history, but also of its importance in the present, has given rise to an awareness of religious identity both for the individual and for the group. Despite the constant debate about identity, sometimes affirmed sometimes denied because of the constant social and cultural changes, the religious subject still finds in the memory the sense of belonging. Therefore, the purpose of this article is to show that memory is important so that the individual and the group are aware of the religious identity they possess.

**Keywords:** Memory. Consciousness. Identity.

## Introdução

Indubitavelmente as investigações da sociologia da religião tem demonstrado o valor cada vez mais acentuado da memória na contemporaneidade. Esteja a memória sendo analisada pelo prisma cultural, epistemológico, linguístico, psicológico, neurológico, filosófico, sociológico,

---

\*\* Recebido em 25 de setembro – Aprovado em 15 de outubro

<sup>1</sup> Licenciado em Filosofia, Bacharel em Teologia e Especialista em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Católica de Anápolis – FACA-GO. Mestrando em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC-Goiás. E-mail: [edvaldocmelo@hotmail.com](mailto:edvaldocmelo@hotmail.com).

antropológico ou até mesmo teológico, essa categoria sempre hauriu luzentes significados no âmbito dos estudos da religião propriamente dita.

Apesar de ainda existir muitas opiniões divergentes sobre o tema da memória, há também um relativo consenso sobre o papel e a importância desta sobre a origem e a formação da identidade pessoal e coletiva (CATROGA, 2014). Por causa das inúmeras transformações sociais e o forte pluralismo cultural tão evidentes em nossa época, a identidade se tornou uma questão imprescindível de análise. Não raro, os estudiosos se perguntam: “Podemos encontrar uma verdadeira identidade? A Afirmação da identidade envolve necessariamente o apelo a alguma qualidade essencial” (WOODWARD *apud* SILVA, 2014, p. 13). Apelando a uma maneira mais dramática, Stuart Hall se questiona: “Que pretendemos dizer com a crise de identidade?” (HALL, 2000, p. 07).

Com esse trabalho, pretendemos analisar a categoria “memória” levando em consideração o seu influxo, contribuição e importância para a formação da identidade no âmbito da religião. O intuito é procurar responder ao seguinte problema: a memória pode fazer com que o sujeito tenha consciência da sua própria identidade religiosa?

## **A MEMÓRIA COMO RECONHECIMENTO PARA ALÉM DA RECORDAÇÃO**

Geralmente quando falamos em memória nos vem à mente a palavra recordação em contrapartida ao esquecimento. Tal afirmação não está incorreta, mas estamos apenas tangendo as primeiras camadas de um problema mais complexo. Para clarear a ideia de memória, começemos por um conceito.

Capacidade de reter um dado da experiência ou um conhecimento adquirido e de trazê-lo à mente; considerada essencial para a constituição das experiências e do conhecimento científico. A memória pode ser entendida como a capacidade de relacionar um evento atual com um evento passado do mesmo tipo, portanto como uma capacidade de evocar o passado através do presente (JAPIASSÚ e MARCONDES, 1996, p. 178).

Esta definição já nos remete ao intuito de nossa abordagem, pois a memória é a faculdade capaz de não apenas nos fazer voltar às experiências passadas mas também de constituir tais experiências no presente. Foi pensando

nisso que Aristóteles disse que “la experiencia se genera en los hombres a partir de la memoria: en efecto, una multitud de recuerdos del mismo assunto acaban por constituir la fuerza de una única experiencia” (CANDEL, 2014, p. 72).

A memória, nesse sentido, recupera as experiências passadas e as atualizam no presente. Não se tratando apenas de vagas recordações históricas ou alguns traços de vivências armazenados que ficaram registrados na biografia do sujeito, a memória é uma espécie de corporificação do tempo e não pode ser considerada “como armazém inerte, onde, por ocasional e arbitrária acumulação, se recolhem os acontecimentos vividos por cada indivíduo”, nas palavras de Catroga (2014, p. 16). Assim sendo, a memória, em um aspecto primário, pode ser entendida como pura e simples recordação.

Em uma esfera filosófica, lembremos que Platão, ao tratar do conhecimento, recorre à reminiscência (ou recordação) das formas inteligíveis do mundo das ideias para mostrar o valor da rememoração no processo de reconhecimento de uma experiência já vivida pelos sujeitos e que imersos no mundo sensível, por meio da cognição e o exercício da dialética, poderiam chegar à compreensão dos objetos, pois

Primeiro, terão de compreender que é a reminiscência das Formas que lhes permite configurar as impressões percebidas pelos sentidos como ‘objetos’, formados a partir das cópias das Formas; depois, é necessário que levem esse exercício até a plena recordação das Formas, em si mesmas. Só então terão atingido o ‘estado de saber’ (SANTOS, 2012, p. 17).

Uma outra definição de memória pode nos clarear o seu sentido quando falamos de reconhecimento.

La memoria en sentido lato se da ya en las asociaciones. En acepción más restringida, este término designa las representaciones reproducidas procedentes del inconsciente, cuando la vivencia primitiva es reconocida. Por lo que respecta a la memoria tomada en sentido amplio, cabe distinguir en ella la capacidad para la aprender, la firmeza e la fidelidad (BRUGGER, 1995, p. 360).

Percebe-se por esta qualificação que a memória não é apenas um hábito automático de procurar recordações e reproduzi-las no tempo presente, mas já indica uma consciência do sujeito em relação à sua própria experiência individual no mundo e no tempo e também um reconhecimento de que faz parte, por meio do sentimento de pertença e fidelidade, a uma coletividade. E nesse particular,

a condição memorial pode levar o sujeito ao estado de lucidez no tocante a descobrir a sua própria situação identitária dentro de um contexto mais amplo que é a sociedade.

## **A MEMÓRIA COMO CONDIÇÃO PARA A CONSCIÊNCIA DA IDENTIDADE**

O egiptólogo e teórico da cultura alemão Jan Assmann, em um artigo intitulado *Communicative and cultural memory* (Memória comunicativa e memória cultural), já dizia que a “memória é a faculdade que nos capacita a formar uma consciência de identidade. A identidade, por sua vez, é relacionada ao tempo” (ASSMANN, 2008, p. 116). O pensamento de Assmann, com relação à memória, é tripartido em uma memória individual, social e cultural. Contudo, a nossa análise sublinha, pelo menos por enquanto, o sentido individual e subjetivo.

Partindo das intuições do próprio Assmann, no tocante ao ponto arquimédico da consciência, já percebemos que a memória, enquanto faculdade cognitiva de unir as experiências passadas e organizá-las em um todo harmônico no interior do sujeito, é a condição *sine qua non* para formar a base identitária do sujeito enquanto relacionada ao tempo, pois o tempo é uma espécie de estrutura da realidade ou campo de ação onde a própria identidade é construída. Obviamente que o tempo, aqui, é entendido em seu sentido diacrônico, isto é, possui o caráter de uma investigação que analisa os fatos passados e experienciados pelo sujeito em sua história, em seu processo de desenvolvimento e em sua evolução através da dinâmica temporal. E isso confirma o postulado de que a memória contribui para formar, no tempo, não apenas a identidade do sujeito mas de igual modo a consciência da identidade do sujeito.

Ao se falar de consciência, ela é entendida, apesar de suas muitas definições, como “a percepção imediata mais ou menos clara, pelo sujeito, daquilo que se passa nele mesmo ou fora dele” (JAPIASSÚ e MARCONDES, 1996, p. 51). O homem sendo um ser que possui consciência de si, naturalmente se percebe a si mesmo como um ser que possui uma identidade, como nas

palavras do próprio Assmann que diz ser a memória “conhecimento dotado de um índice de identidade” (2008, p. 122). Em outras palavras, o autor quer enfatizar que a memória tem catalogada em si mesma tudo o que a identidade é e significa. A memória é o lugar gnosiológico e espiritual, para lembrar Agostinho, onde a identidade reside. Portanto, a relação estreita entre identidade e memória engendra a evidência de que onde há memória e identidade existe também conhecimento e experiência e, evidentemente, consciência.

Sabendo que a memória nos traz uma consciência de identidade, temos que saber também que esta última é digna de uma reflexão pertinente e complexa nos dias atuais. A identidade tem sido explicada e entendida na contemporaneidade como uma realidade fluida, flexível e porosa em face de uma identidade estagnada e essencialista. Em uma perspectiva de interação entre as religiões, foi dito que

As identidades não devem ser vistas como cubículos já prontos. Identidades rígidas, claramente definidas e bem marcadas levam inevitavelmente à própria defesa. Contudo, a realidade é que as identidades historicamente não foram fixas, mas porosas. Houve diferentes tipos de interações e níveis de intercâmbio entre povos de diferentes filiações religiosas. Estas interações não podem ser postas todas de lado (WILFRED, 2015, p. 15).

Alguns teóricos como Zygmunt Bauman (2005, p. 17) chegou a dizer que “a identidade não tem a solidez de uma rocha”. E Paul Ricoeur (2013, p. 128) salienta que “os símbolos que governam a nossa identidade derivam não apenas do nosso presente e do nosso passado, mas também de nossas expectativas para o futuro”. Pensamentos assim nos projetam para o hoje do debate sobre a identidade, mas, de acordo com nossa proposta inicial, a identidade é apenas apresentada como um elemento que está dentro de uma perspectiva memorial, ou seja, enquanto recordada, reconhecida e conscientizada por um sujeito que já a possuía e, por intermédio de sua própria memória histórica ou biográfica (HERVIEU-LÉGER e WILLAIME, 1997) a recupera em seu momento presente e atual.

Assim sendo, a memória ativa não somente o passado no tempo presente trazendo-o atualizado ao momento histórico atual, mas resgata à consciência a consciência, pois “toda consciência é consciência de alguma coisa, isto é, a necessidade, para a consciência, de existir como consciência de

outra coisa distinta dela mesma” (JAPIASSÚ e MARCONDES, 1996, p. 52), no pensamento de Edmund Husserl, de que o sujeito é proprietário de uma identidade que o define e o caracteriza perante a diferença ou a alteridade. E o que é senão a identidade essa “coisa” na consciência do sujeito que possui memória para reconhecer, em retrospectiva, o seu modo próprio de existir.

## **UM GRUPO “CAPAZ DE SE LEMBRAR” OU MEMÓRIA DOS GRUPOS RELIGIOSOS**

A definição de consciência, vista anteriormente, alude para uma interioridade e uma exterioridade do sujeito. Tendo uma percepção relativamente clara do que ele é, o indivíduo procura fazer um elo entre essas duas partes dentro de uma perspectiva intersubjetiva (CATROGA, 2014). Nesse sentido, a memória novamente é uma faculdade muito importante para que ele se conscientize não somente de si (interioridade), mas também de uma comunidade na qual ele pertence (exterioridade).

O sociólogo francês Maurice Halbwachs, pioneiro nos estudos da memória dentro das comunidades religiosas, acreditava que a memória “é a própria trama da identidade individual e coletiva” (HALBWACHS *apud* HERVIEU-LÉGER e WILLAIME, 2009, p. 219), e nesse sentido a comunidade, entendida aqui como grupo religioso, tem o poder simbólico de fazer o indivíduo experimentar uma totalidade de sentido dentro de um contexto em que suas características como a afetividade, segurança, confiança, pertença etc., impulsionam e fortificam essa totalidade. O sentido, em tal comunidade, pode ser descrito como signo que traz ordem e harmonia, significado e identificação ao próprio sujeito. Dentro de uma coletividade onde a memória é a principal fonte de recordação e reconhecimento da identidade como sentido da pertença, o sujeito se reencontra em uma condição memorial e identitária ao mesmo tempo.

Foi pensando na memória como uma trama para dar ao sujeito uma consciência da própria identidade que Halbwachs diz metaforicamente, no início da obra *Quadros sociais da memória*, que uma “jovem escrava, encontrada errante nos bosques perto de Châlons em 1731, não sabe quem ela é porque foi privada da memória de seu grupo” (HERVIEU-LÉGER e WILLAIME, 2009, p. 219). A partir disso,

se a preservação de sua memória é a condição da identidade e da unidade de um grupo humano, o fato de retomar a posse de sua memória constitui um ato de emancipação social. Em sentido inverso, uma sociedade que se esquece de seu passado é uma sociedade que perde sua identidade, uma sociedade incapaz, ao mesmo tempo, de enfrentar seu próprio futuro (HERVIEU-LÉGER e WILLAIME, 2009, p. 219).

Isso quer dizer que a exclusão da memória coletiva é uma expropriação da consciência da própria identidade individual. E inversamente, a falta de consciência da identidade individual é o mesmo que esvaziar-se do sentido coletivo. A ausência de memória, enquanto recordação e reconhecimento de uma pertença, religiosa no caso, deixa o sujeito em um estado de migração perpétua na busca de seu “eu” consciente. Uma anamnese identitária é o mesmo que o vazio de si, é caminhar e não deixar rastros, é o ser que deixa de ser.

Portanto, dentro de uma dimensão mais ampla que é a comunidade, cuja mesma vive de memória para lembrar sempre de sua identidade, o sujeito pode sentir-se seguro e não ter o receio de se perder nos espaços vazios do tempo e dos perigos movediços do devir perene. A coletividade tem o poder de manter o indivíduo sempre na condição de pertença. No pertencer, sua identidade e a consciência desta não caem no esquecimento. Por isso que memória e identidade, reconhecimento e experiência estão amarradas sempre ao elo da consciência. Uma consciência da identidade pressupõe necessariamente uma memória que a recorde e a reconheça.

## **CONCLUSÃO**

“O passo que o homem dá para a frente tem na pegada anterior a sua condição de possibilidade” (CATROGA, 2014, p. 07). Essas palavras ilustram bem o papel da memória na dimensão religiosa enquanto contribui com o sujeito no resgate de sua consciência identitária. Por isso mesmo que as comunidades religiosas, dentre outras instituições valorativas da memória como consciência da identidade, dão muita importância ao passado, às origens de sua tradição, aos mitos fundantes para dar significado aos seus ritos e símbolos, práticas e doutrinas. São verdadeiros grupos capazes de se lembrar retrospectivamente da sua história e revivê-las no presente de um modo sempre atualizado. Nas

tradições religiosas, cuja memória serve de nó cronológico, olhar para trás não significa contemplar o passado esquecido e coberto pela poeira do tempo, mas é um exercício de saber quem são elas. É inconcebível uma religião sem memória, como é inconcebível uma religião de memória não dar ao sujeito a consciência de sua identidade.

Mesmo em meio a uma crise da identidade na contemporaneidade, o sujeito ainda encontra na memória o significado da sua identidade individual e coletiva. A comunidade consegue equilibrar o tempo e suas transformações contínuas por meio da memória, pois

a experiência do presente, deste modo, se encontra aprisionada no evento fundador de um passado que se situa como um todo imutável (fora da história e do tempo), ao qual o grupo religioso se liga por uma linha crente (TEIXEIRA, 2011, p. 251).

Diante disso, a consciência da identidade religiosa do sujeito é confirmada por uma memória sempre atualizada porque voltada para um passado continuado e perenizado no tempo.

## REFERÊNCIAS

- ASSMANN, Jan. Communicative and cultural memory. In: ERLI, Astrid; NUNNING, Ansgar (Ed.). *Cultural memory studies: na international and interdisciplinary handbook*. Berlin; New York: De Gruyter, 2008, pp. 109-118.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BRUGGER, Walter. *Diccionario de Filosofia*. Barcelona: Editorial Herder, 1995.
- CANDEL, Miguel. *Aristóteles*. Madrid: Editorial Gredos, 2014.
- CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV de Bolso, 2014.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle; WILLAIME, Jean-Paul. *Sociologia e religião: abordagens clássicas*. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009.
- JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.



RICOEUR, Paul. *Ética, identidade e reconhecimento*. Rio de Janeiro: Loyola, 2013.

SANTOS, José Gabriel Trindade. *Platão: a construção do conhecimento*. São Paulo: Paulus, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2014.

TEIXEIRA, Faustino. *Sociologia da religião: enfoques teóricos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

WILFRED, Felix. Religião e identidades conflitantes: dilemas e trajetórias de paz. *Concilium*. Petrópolis, n. 359, jan. 2015, pp. 11-20.